

Aluno (a): _____

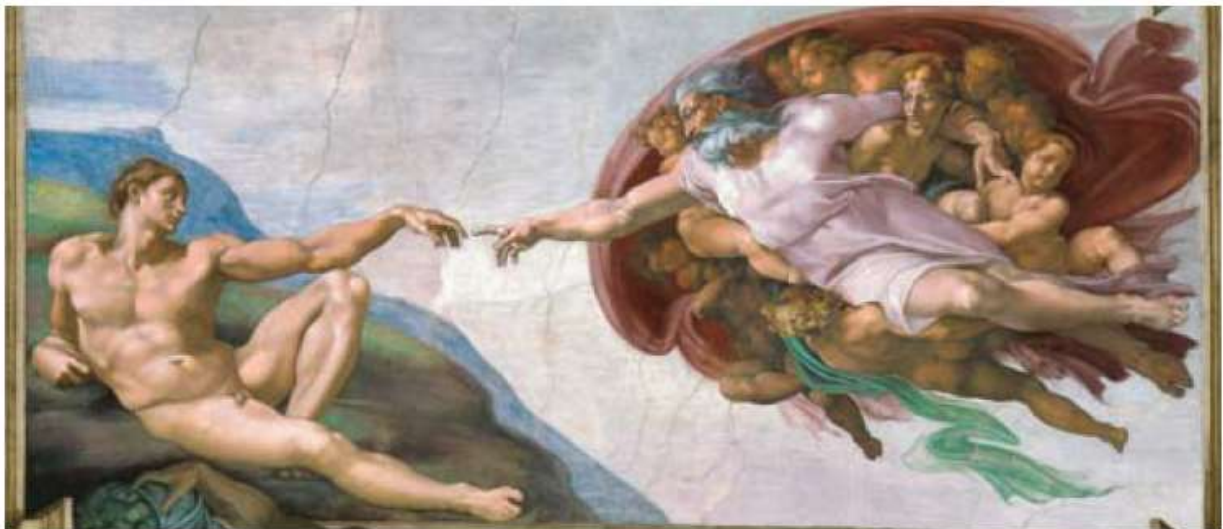
Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

CRIAÇÃO SEGUNDO A RELIGIÃO

As religiões também têm narrativas, por vezes poéticas ou metafóricas, para explicar a origem do universo e da vida. Essas narrativas pretendem identificar os criadores do mundo e seus motivos para criá-lo, mas, diferentemente da ciência, não buscam comprovações para os seus relatos.

A Bíblia cristã, a Torá judaica e o Alcorão islâmico são exemplos de livros sagrados que apresentam narrativas de origem.

Em Gênesis, primeiro livro do Antigo Testamento da Bíblia, encontra-se a narrativa que apresenta Deus como criador do mundo e de todos os seres vivos. De acordo com esse texto, tudo o que existe é graças à vontade de Deus. |



BUONARROTI, Michelangelo. *A criação de Adão*. [1508-1515]. 1 afresco, 280 cm x 570 cm. Capela Sistina, Vaticano.

🕒 A cena representa o episódio bíblico do Livro de Gênesis, em que Deus cria o primeiro homem, Adão.

Leia o texto a seguir e, depois, responda às questões.

No princípio, Deus criou o céu e a Terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas.

Deus disse: “Haja luz” e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz “dia”, e às trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia.

Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez. Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das que estão acima do firmamento, e Deus chamou ao firmamento “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia. [...]

Deus disse: “Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente”, e assim se fez. [...]

Deus disse: “Fervilhem as águas um fervilhar de seres vivos, e que as aves voem acima da terra, sob o firmamento do céu”, e assim se fez. E Deus criou as grandes serpentes do mar e todos os seres vivos que rastejam e que fervilham na água [...].

Deus disse: “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie”, e assim se fez. [...]

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”.

Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; homem e mulher ele os criou.

GÊNESIS. In: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 1, vers. 1-27.

1) No texto, sublinhe as passagens que demonstrem a afirmação “tudo o que existe é graças à vontade de Deus”.

2) Retome os mitos de origem apresentados nas aulas anteriores e analise se existem semelhanças entre eles e o trecho bíblico apresentado. Caso haja, descreva-as abaixo.

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

AS DIVERSAS FORMAS DE VER A MORTE

A VIDA NA TERRA

Diná Raquel Daudt da Costa

No princípio era o nada
e do nada se criou
devagar, devagarinho
tudo se criou!
Astros, estrelas se formaram
e a vida se espalhou assim a
casa estava pronta para a vida
acolher um planeta muito
bonito para podermos viver
como a vida começou?
Quem foi que a criou?
Isto é um grande mistério que a
humanidade sempre buscou
crianças no mundo inteiro têm suas
indagações muitas buscam as
respostas em suas religiões

Na antiga Grécia um filósofo chamado Empédocles divulgava a ideia de que o mundo seria constituído pelos quatro elementos: água, terra, ar e fogo. Tudo que existia no mundo era uma mistura desses elementos. Para ele, o amor era a força que unia os elementos enquanto que o ódio os separava. Assim, a morte significava a separação dos elementos.

Disponível em: <www.mundoeducacao.com.br>. Acesso em: 06 maio 2013.

Atividades:

- 1) Em algumas religiões a água e o fogo são símbolos para celebrar momentos importantes na vida das pessoas. Faça desenhos mostrando como a água, o fogo e outros elementos da natureza são usados em cerimônias religiosas de vida e morte.
- 2) Pesquise teorias científicas sobre o surgimento da vida na terra.

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

Diversidade Cultural e Religiosa

RITUAIS NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

O cotidiano de qualquer sociedade humana é permeado de rituais não só os de caráter religioso, como também os de caráter secular, ou seja, aqueles desvinculados do sentido religioso, como os rituais cívicos, entre outros.

Os rituais cívicos são aqueles ligados ao culto da pátria, por exemplo: o canto do Hino Nacional, o hasteamento da Bandeira, o desfile no Dia da Pátria.

Já os rituais religiosos são uma série de procedimentos, palavras e gestos sagrados que constituem uma cerimônia de uma determinada tradição religiosa.

Por meio da linguagem dos rituais religiosos, as pessoas buscam externar a fé e seus anseios espirituais, bem como ressignificar e explicar o sentido da vida ou das experiências com as quais se deparam no dia a dia.

Os rituais possuem propósitos distintos nas tradições religiosas, tais como: prestar culto a Deus, pontuar mudanças de estado de ser, estabelecer a filiação, celebrar momentos da vida e acontecimentos importantes.

Algumas tradições religiosas dispensam o uso das expressões ritualísticas e se centram mais no discurso simbólico dos seus ensinamentos ou postulados da fé, para outras, a linguagem ritualística tem importância fundamental.

Atividades:

- 1) O que torna um gesto, uma prática ou um hábito um rito religioso?
- 2) Qual é a importância dos rituais para as religiões?
- 3) Você pratica algum ritual religioso? Qual?

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

RITOS FÚNEBRES

Os ritos fúnebres são celebrações realizadas a partir da morte de uma pessoa e podem se entender por um longo período depois de falecimento. Assim como as crenças são variadas, os ritos fúnebres também são diversos e se modificam ao longo da história.

Desde as civilizações antigas, os ritos da morte são entendidos como fundamentais para que o espírito encontre o seu caminho no além-vida.

É um momento em que a família e os amigos podem fazer homenagens e preces ao falecido. Esses rituais começam desde a preparação do corpo, vestindo-o ou envolvendo-o em tecidos, recebendo maquiagens, vestimentas especiais, etc.



Às margens do Rio Ganges, na Índia, a população hindu crema os mortos e, depois, joga as cinzas no rio.

O túmulo tem um papel importante nos rituais fúnebres. Na Pré-História, os corpos eram sepultados, mas nem sempre com identificação visível acima da terra. Ao longo do tempo, cada povo desenvolveu formas de identificar o local de sepultamento, homenageando o falecimento e acrescentando adornos em pedra, marfim, ouro, prata ou bronze. Além da função de manter a individualidade do falecido e do homenageá-lo, o túmulo é considerado um espaço religioso ou sagrado, que requer comportamento solene.

Outro ritual importante é o do luto. A maneira como ele é expresso varia de acordo com as diferentes religiões e culturas. Esse período é iniciado logo após a morte e pode se prolongar por dias ou meses, dependendo das crenças e religiosas e das tradições familiares. É o tempo para aceitar a separação causada pelo falecimento, bem como para superar a dor e rezar espírito do falecido.

ARAÚJO, Maria Bethânia. MOREIRA, Luana Zooloto Mattos. SILVEIRA, Valeska Freman Bezerra de Feitas. Passado, presente e fé – ensino religioso. Vol 9. Curitiba: Piá, 2019.

ATIVIDADE: Forme um grupo com alguns colegas para conversar sobre as experiências que vocês tiveram com rituais fúnebres. Além das experiências pessoais, podem ser discutidos rituais fúnebres retratados na literatura e no cinema. Discutam a importância do luto e do funeral para a expressão e a superação do sofrimento. Compartilhem suas crenças religiosas a respeito dos rituais fúnebres, observando as diferenças e as semelhanças entre eles. Registre as informações no seu caderno.

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

RITUAIS FÚNEBRES JUDAICOS

No ritual judaico, o enterro deve ocorrer o mais rápido possível para que o corpo não fique exposto por muito tempo. É proibida a cremação, ou seja, a eliminação rápida e não natural do corpo. A lei judaica determina que os mortos devem ser sepultados na terra, pois partem do princípio da Torá de que o homem veio do pó e ao pó retornará.



© Shutterstock/Alisa Pirogova

O corpo do falecido deve ser limpo e purificado, pois, assim como precisa ser lavado ao chegar a este mundo, também deve ser limpo e purificado ao deixá-lo. Esse ritual é chamado de *taharat*, que significa “purificação”. Durante o ritual da purificação, são recitadas preces em homenagem ao falecido, pedindo a Deus que o perdoe pelos pecados que possa ter cometido e para que lhe seja concedida a paz eterna.

Em seguida, o corpo é envolto em uma mortalha branca e colocado em um caixão de madeira simples. Os homens são enterrados com o seu xale de oração, o *talit*. A cerimônia é feita com recitação de orações por familiares do falecido ou líderes religiosos. No cemitério, não é permitido música, flores, tampouco comer, beber ou tratar de negócios. Na cerimônia do funeral, jogam-se três pás de terra sobre o caixão, enquanto é feito um discurso em memória do falecido, e os filhos homens – ou o parente mais próximo do sexo masculino – recitam uma oração. Ao sair do cemitério, cada pessoa deve lavar as mãos e a família do falecido fica em luto por uma semana.

ARAÚJO, Maria Bethânia. MOREIRA, Luana Zooloto Mattos. SILVEIRA, Valeska Freman Bezerra de Feitas. Passado, presente e fé – ensino religioso. Vol 9. Curitiba: Piá, 2019.

ATIVIDADE:

No Livro de João, capítulo 19, é narrada a coragem de José de Arimateia e de Nicodemos para sepultar dignamente o corpo de Jesus. Leia o trecho a seguir e, depois, responda à questão proposta.



JESUS é deitado na tumba e coberto em incenso. 1 afresco. Croácia. Artista desconhecido.

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

O que é a morte sob o ponto de vista das diferentes crenças e religiões?

No dia de finados, o correio mostra como pessoas com diferentes crenças e religiões enxergam a morte
DF Deborah Fortuna HL Hellen Leite postado em 02/11/2018 15:55 / atualizado em 02/11/2018 16:00

A morte é a única certeza que se pode ter na vida. No entanto, a forma como esse mistério é encarado difere de acordo com as crenças de cada um. Há correntes religiosas que creem na ressurreição, enquanto outras dizem que ressuscitamos ou voltamos à Terra até mesmo na forma de algum animal. E há ainda aqueles para quem a morte significa, simplesmente, o fim da vida.

Na sexta-feira, 2 de novembro, dia de finados, conversamos com seguidores de diferentes religiões* e linhas filosóficas para entender o que a morte significa para cada um deles e o que a reflexão sobre ela pode nos ensinar. Os principais trechos das conversas estão no vídeo citado, e você pode conhecer mais sobre cada uma das crenças nos textos abaixo.

*O **correio** entrou em contato com diferentes representantes de religiões de matriz africana, mas, infelizmente, problemas de agenda impossibilitaram a participação de algum deles nesta .

A morte para os católicos significa caminhar ao encontro da eternidade. Para quem pratica a religião, a vida não é tirada, mas transformada. "É uma perspectiva extraordinária, mas meditamos pouco sobre isso. Os grandes homens e mulheres de fé contemplaram muito essa realidade, e por isso ansiavam pela eternidade. Eles caminhavam ao encontro da morte de maneira tranquila e serena", comenta Dom Leonardo, padre há 40 anos. Após a morte, o homem não é mais submetido ao tempo e ao espaço, diz Steiner. Dentro desse mistério, o céu e o inferno não são lugares geográficos, mas "estados". "O céu é a participação plena de Deus, enquanto o inferno é o distanciamento. É como se o inferno significasse não participar mais do amor de Deus. Até gostaríamos de ser amados, mas agora não há mais essa possibilidade."

A chegada da morte para um ente querido é difícil, e a separação nem sempre é tranquila, mas o padre lembra que é necessário acolher a finitude da vida. "Ao meditar sobre a morte, a nossa existência ganha um outro sentido, nos ajuda a perceber que a grandeza não está nas nossas mãos. Tudo se esvai, mas, de repente, começamos a perceber que ali (na morte) há outra grandeza", finaliza.

Nós todos viemos do plano espiritual e, para o plano espiritual, nós voltaremos. No espiritismo, a morte não existe. Ela apenas é um "passaporte" para a verdadeira vida. "Como espíritos imortais que somos, a grande surpresa que temos é que, ao atravessar esse frontal, nos deparamos com a própria

vida", esclarece Geraldo Campetti Sobrinho. Uma das doutrinas espíritas fundamentais é a reencarnação, ou seja, a volta do espírito, em outro corpo físico, em um novo contexto, em uma nova família e até mesmo em outro país. Segundo o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, o materializador do espiritismo, a reencarnação é uma necessidade para evoluir. Para passar por provas e seguir em frente no caminho evolutivo.

"Se não fosse a reencarnação, não haveria justiça de Deus. Como justificar desigualdades? Será que Deus privilegia um e prejudica o outro? As experiências que atravessamos são decorrentes das nossas necessidades espíritas para a evolução. Deus jamais colocaria cargas pesadas em ombros fracos", comenta Campetti.

Para os cristãos evangélicos, a morte é fenômeno natural e que acontece apenas uma vez. Ao morrer, o corpo é separado do espírito. O que é matéria vira pó, enquanto o espírito volta para Deus. "Temos o entendimento de que a morte é uma separação do corpo físico e do espírito, e o espírito não é meu, ele pertence a Deus", explica o pastor Josimar Francisco. Embora seja difícil se separar de um ente querido, o pastor esclarece que, para os evangélicos, a morte não significa perder, mas ganhar. "Não é o fim para a gente. No céu, não haverá mais dor ou lágrimas, a gente não sente nada disso. Ao contrário, se encerrou a nossa participação neste mundo de choro e decepção." No céu, enfatiza o pastor, os homens viverão uma nova vida, sem sofrimentos. O dia de finados não é uma data especial para os evangélicos. Para eles, segundo o pastor, a vida tem que continuar, mesmo após perdas dolorosas. "Deus sabe o melhor para todos nós. Ele criou a morte também, e temos que aceitá-la", finaliza.

Parte do ciclo da vida, a morte é vista com naturalidade para o judaísmo. Nas palavras de Kélita Cohen, estudante de formação rabínica, "não é que o judaísmo não se preocupa com a morte. Ele não se ocupa da morte". A preocupação, então, é com a vida, diz.

"Falamos que o que fizemos da vida vai ter reflexo depois da morte. Os que ficaram, vão sofrer os impactos das minhas ações enquanto estive aqui. Esse é o principal reflexo", comenta Kélita. Uma das peculiaridades da religião judaica é que o enterro é preparado pela própria comunidade. São voluntários que se prepararam para cuidar dos preparativos, para que a família não tenha de lidar com isso no momento. "É uma forma de aliviar a carga", diz.

Depois da morte, há o renascimento. A Terra Pura nos chama e os entes queridos que fizeram a passagem antes de nós nos conduzem para a nova vida. É assim que o monge Sato explica a morte sob o ponto de vista de sua religião.

A Terra Pura é vista como um lugar bonito, onde todo o bem que se quer fazer ao outro se realiza. "No budismo, não se fala em alma, mas se fala em espírito. (Ao morrer), é como se deixássemos esta Terra Impura e nos transferíssemos para a Terra Pura. E, lá, podemos passar algum tempo nos preparando, ou para ir mais adiante, para um local mais sublime ainda, ou retornar a essa vida", diz o monge.

O budista não acredita em inferno ou purgatório. E todas as ações — boas ou ruins — já são julgadas ao longo da vida. "Se a pessoa faz o mal, certamente pode parecer aos outros que o crime compensa. Mas, não. Ele sofre. Sofre até em silêncio, até escondido, mas ele recebe o merecido por seus atos, mas nesta vida", explica Sato.

Longe de ser uma religião ou filosofia, a mahayoga se denomina como um conjunto de técnicas e exercícios para o autoconhecimento. "Nós brindamos a vida. Não somos esse corpo, essa carne que está aqui. Não acreditamos nisso. Temos algo maior que somos. Somos essa essência e essa força que age", afirma Tânia Kruschewsky.

Como virtude, a mahayoga não acredita na morte do corpo espiritual, apenas na do físico. E céu e inferno "não passam de folclore", segundo Tânia. "O corpo morre para quem se acredita o corpo. Todos vão passar por uma morte, mas aqueles que sentirem que somos a essência, ou seja, luz e força, voltam para o que é o ser. Todos voltam para essa origem."

Para ser essência, explica Tânia, é preciso se conhecer. Além das práticas de meditação e do canto sagrado, a yoga também propicia saúde, para que seja possível sentir essa força que age sobre os seres e que se reflete dentro do peito. "Se você acredita em algo mais, em uma força divina, você vai ter segurança de que, ao passar pelo umbral, você vai sair do corpo físico e vai para outro estágio. É uma nova fase de jogo", compara.

Para o filósofo e professor da Universidade de Brasília (UnB) Wilton Barroso Filho, a morte pode ter diversos significados. "A gente morre várias vezes na vida. Morre na infância, quando vira adolescente, e na adolescência, quando vira adulto. Morre para uma fase da vida quando atingimos determinadas idades, e a gente também morre para um tipo de vida quando faz vestibular". É um ritual passagem, em geral, sem retorno.

Ainda que haja a tentativa de buscar significados abstratos, para o professor, que é ateu, a morte em si é simplesmente a vida que acaba. Na visão materialista, a consciência emerge do funcionamento de células, órgãos e tecidos. Quando esse mecanismo cessa, cessa também a consciência. "Pessoalmente, acho que eu não vou pra lugar nenhum. Eu vou virar pó. Aspiro ser cremado e ponto final."

Tal percepção, no entanto, não significa que não exista "vida após a morte" para os ateus. "Eu não rezo para o meu pai e minha mãe (que já morreram), mas eles vivem em mim, e o fato de eles viverem em mim — que nada mais é do que a memória que tenho deles — me faz alguém melhor", comenta o professor, que também fala da importância da vivência do luto. "É um processo que permite a cada um de nós entronizar os nossos mortos. A gente se torna mais forte, mais humano, quando incorpora os nossos mortos."

Disponível IN: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/11/02/interna-brasil,717180/a-morte-segundo-as-diferentes-religoes.shtml>

ATIVIDADES:

Pesquise, dialogue e responda.

1 - Com base no texto acima, descreva a diferença de visão da morte entre católicos e ateus?

2 - Qual é o ponto de vista da morte para o filósofo ateu?

3 – A reencarnação faz parte da crença de duas religiões entrevistadas acima. Quais são elas? Como eles explicam a reencarnação.

4 – O que você pensa sobre o tema abordado nesta entrevista? Qual é o seu ponto de vista?



Imagem disponível IN:
<https://www.direitocom.com/a-vida-e-a-morte/a-vida-e-a-morte/a-vida-e-a-morte>

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

RITUAIS MORTUÁRIOS AFRICANOS

Na cultura africana, a boa morte é aquela que vem em idade avançada e é seguida de um funeral bastante enfeitado. Muitos africanos preparam seus funerais durante a vida, economizando dinheiro e combinando com os familiares os preparativos que deverão ser providenciados quando a morte ocorrer. Assim como na cultura mexicana, na África o velório é uma festa marcada por muita comida, dança e música.

©Fotoarena/Alamy



Procissão fúnebre em Madagascar

Em diversas aldeias, a morte de um morador deve ser comunicada ao líder local. Antes mesmo de a família manifestar a sua tristeza publicamente, é ele quem dará a notícia à comunidade. Para isso, toca-se um tambor convocando todos a comparecer a uma praça pública, geralmente embaixo de uma árvore, onde as notícias serão dadas. Depois disso, todos expressam sua tristeza, consolam a família do falecido e dirigem-se à casa dele. Em seguida, o corpo é lavado e exposto para visitação. A posição em que o falecido é colocado varia de acordo com a sua idade, o seu gênero e a sua posição social.

Os rituais que se seguem contam com música, comida e bebida em um ambiente festivo. É comum que os moradores locais levem tecidos de boa qualidade para oferecer ao morto, para que seja envolto nele antes do enterro. De acordo com a tradição, quando o falecido encontrar com os antepassados no mundo espiritual, se juntará a eles para abençoar e proteger os moradores da aldeia.

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

ATITUDES DIANTE DA MORTE

Diversas religiões têm rituais e datas específicas para lembrar e celebrar os mortos. Os católicos, por exemplo, visitam cemitérios anualmente no dia 2 de novembro, o chamado Dia de Finados. Segundo a tradição, nessa data, as pessoas limpam os túmulos dos entes queridos, levam-lhes flores e velas e oferecem orações por suas almas. No Brasil, esse dia é feriado nacional.

Há muito tempo, a Igreja Católica faz homenagens aos mortos. No ano de 998, Santo Odilon recomendava aos monges rezar por todos os mortos, conhecidos ou não, em todos os mosteiros da França. Quatro séculos depois, o papa adotou o dia 2 de novembro como o Dia de Finados ou o Dia dos Mortos para a Igreja Católica.

O DIA DOS MORTOS: QINGMING

Na China, em Taiwan e em outros países com comunidades chinesas expressivas (como Malásia, Tailândia e Cingapura), o Dia dos Mortos é celebrado entre 3 e 7 de abril, baseado no calendário solar.

Há mais de 2 mil anos, os chineses faziam cerimônias aos mortos, com o luxo que as suas condições econômicas permitiam. Como forma de conter os excessos, o imperador Xuanzong determinou, no ano 732, que os cultos aos ancestrais fossem realizados apenas uma vez ao ano, instituindo o Qingming.

O festival Qingming mistura a homenagem aos falecidos com a esperança e a alegria trazida pelo início da primavera. Após o seu encerramento, as temperaturas começam a se elevar e as chuvas aumentam, iniciando um período de plantio e de esperança de uma colheita farta.

Durante esse festival, os chineses limpam os túmulos dos entes queridos, levam-lhes flores, incenso e ramos de salgueiro, para afastar os espíritos malignos, e alimentos, como ovos e bolinhos de arroz. Durante o Qingming, é costume as famílias se reunirem em um piquenique nos túmulos dos familiares, para que os falecidos saibam que não foram esquecidos. Nas cidades, onde a prática de cremação se tornou mais comum em razão da falta de espaço para cemitérios, os objetos para homenagem são reduzidos drasticamente.



Mulher visitando um túmulo durante o Qingming, na Tailândia

ATIVIDADES:

1) A respeito do Kuarup, assinale V nas afirmações verdadeiras e F nas falsas.

() O Kuarup é uma cerimônia que celebra os mortos ilustres de todos os povos indígenas brasileiros.

() O Kuarup é uma festa religiosa muito importante para os indígenas que vivem na região do Parque Indígena do Xingu.

() As toras de Kuarup representam os espíritos dos mortos de povos indígenas na região do Xingu.

() Mavutsinin é considerado o criador dos seres humanos na mitologia dos povos indígenas que celebram o Kuarup.

2) Explique o Dia dos Mortos de acordo com a cosmovisão indígena.

3) O que significa dizer que o Dia dos Mortos no México é um ritual em que a recordação se sobrepõe ao esquecimento?

4) De que forma os seus familiares homenageiam a memória das pessoas que já se foram?

5) Essa celebração está relacionada a alguma religião? Se sim, a qual?

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

ANCESTRALIDADE E CULTO AOS ANTEPASSADOS

Ancestralidade é a crença na influência dos entes falecidos sobre a família. Essa perspectiva entende que, quando uma pessoa morre, seu espírito continua ligado à família, ajudando as pessoas que ama e oferecendo auxílio nos momentos difíceis. Os espíritos ancestrais dependem das oferendas e das lembranças dos descendentes para continuar a existir no mundo dos mortos.

Essas crenças estão presentes em várias culturas e religiões no mundo todo. No Brasil, a crença na ancestralidade está presente em alguns povos indígenas e acompanhou os africanos trazidos como escravizados.

ANCESTRALIDADE NAS RELIGIÕES AFRICANAS

As religiões africanas, em geral, não entendem o corpo e a alma como elementos separados e diferentes. Por isso, acredita-se que, após a morte, os antepassados mantêm a mesma aparência e costumes de quando estavam vivos. Eles têm a capacidade de estar presentes em vários lugares ao mesmo tempo, no mundo dos mortos ou próximos aos seres humanos, por meio de sonhos, animais ou elementos da natureza.

As religiões africanas acreditam que os ancestrais são capazes de oferecer grandes benefícios aos parentes vivos, como prosperidade, bons filhos, saúde e vida longa.



©Shutterstock/Alarish

Uma forma de agradecer e deixar os antepassados felizes é entregando oferendas. Cada cultura tem um modo de ritualizar a entrega das oferendas, variando desde a disposição de comidas e bebidas no túmulo do falecido até a realização de festas coletivas em sua homenagem. Essas celebrações devem ser comandadas pelo chefe da família, que, em nome de todos, providencia os melhores frutos da colheita para serem ofertados aos antepassados como forma de gratidão. O ritual é acompanhado de orações, cantos e danças, com as pessoas geralmente usando máscaras e outros adornos.

ARAÚJO, Maria Bethânia. MOREIRA, Luana Zooloto Mattos. SILVEIRA, Valeska Freman Bezerra de Feitas. Passado, presente e fé – ensino religioso. Vol 9. Curitiba: Piá, 2019.

ATIVIDADES:

Faça uma pesquisa sobre as máscaras africanas. Escolha a que mais chamou a sua atenção e faça o que se pede a seguir.

1) Descreva a máscara: é de um animal, feminina, masculina, dos antepassados? Justifique sua resposta com base nos traços da máscara.

2) A máscara é utilizada por quais povos? Em que tipos de ritual?

3) Quais materiais foram utilizados para a sua confecção?

4) Agora, reproduza a máscara utilizando, se possível, materiais recicláveis. Depois, apresente aos colegas a sua representação e explique-lhes o significado dela.

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

Epitáfio (Titãs)

Devia ter amado mais

Ter chorado mais

Ter visto o sol nascer

Devia ter arriscado mais

E até errado mais

Ter feito o que eu queria fazer

Queria ter aceitado

As pessoas como elas são

Cada um sabe a alegria

E a dor que traz no coração

O acaso vai me proteger

Enquanto eu andar distraído

O acaso vai me proteger

Enquanto eu andar...

Devia ter complicado menos

Trabalhado menos

Ter visto o sol se pôr

Devia ter me importado menos

Com problemas pequenos

Ter morrido de amor



Queria ter aceitado

A vida como ela é

A cada um cabe a alegria

E a tristeza que vier

O acaso vai me proteger

Enquanto eu andar distraído

O acaso vai me proteger

Enquanto eu andar

Devia ter complicado menos

Trabalhado menos

Ter visto o sol se pôr...

Imagem disponível In: <https://www.suamusica.com.br/hannohmontano/epitafio>

Após ouvir a canção, responda as atividades a seguir:

- 1) Justifique o título da canção, sugerindo um outro.
- 2) Com que verso você se identificou mais? Por quê?
- 3) Existem pessoas que, mesmo com problemas pequenos, sofrem, ficam tristes, guardam mágoas e rancor, surtam... Como você reage às dificuldades da vida?
- 4) Qual seria o seu epitáfio? Do que você se arrepende mais na vida?
- 5) Que mensagem a música transmite? Comente.
- 6) Faça uma pesquisa sobre epitáfios e copie três que tenham chamado a sua atenção, mencionando o porquê.

ENSINO RELIGIOSO - 9º ANO

Aluno (a): _____

Turma: _____ Sala: _____ Turno: () matutino () vespertino Professora: _____

O Brasil é um país de diversos povos e diferentes crenças, a diversidade de culturas é muito rica no nosso país, o que deveria ser natural e de pacífica convivência. Mas nem sempre é o que acontece, algumas tradições religiosas ainda sofrem com o desrespeito de algumas pessoas.

Embora algumas pessoas desrespeitem a religião de outras usando sua própria religião como justificativa, isto é um grande equívoco. Nenhuma crença religiosa tem como princípio o desrespeito e preconceito, pelo contrário, todas as crenças religiosas possuem princípios universais que tem a ética e os pensamentos do bem coletivo como principal objetivo. Mas o que é preconceito? E qual a origem deste mal?

PRECONCEITO

Preconceito é um conceito ou uma opinião previamente concebida. Em outras palavras, trata-se de um juízo feito sobre um indivíduo ou grupo social antes de qualquer experiência. O preconceito age a partir de uma simplificação, estabelecendo categorizações sociais através da criação de estereótipos. O preconceito funciona com base no princípio da generalização de todo o grupo alvo de preconceito: cada um dos seus membros, indistintamente, carrega as marcas estereotipadas que o estabelecem numa singularidade. (...)

A ideia de preconceito foi utilizada por sociólogos norte-americanos para explicar o fenômeno do racismo, demonstrando a maneira com que o preconceito contra os negros nos Estados Unidos serviu para reforçar um sentimento de patriotismo baseado numa falsa ideia de superioridade branca.

Identidade, alteridade e preconceito

O preconceito está estreitamente ligado à noção de identidade por um lado, e por outro lado à alteridade, ou seja, a atitude frente ao outro, frente ao diferente.

Identidade é a forma com que nos vemos e somos vistos, ou seja, é o reconhecimento individual e social de cada um. Nós formamos nossa identidade a partir de várias experiências e elementos: geração, etnia, raça, gênero, orientação sexual, classe, religião, origem social, características físicas, gostos e preferências culturais, etc.

Na convivência em sociedade, porém, não apenas somos vistos, como também olhamos para o outro. A noção do outro, que se dá na interação social, é o que denominamos alteridade. A construção da identidade de um sujeito passa pelo reconhecimento da alteridade: a noção do “eu” depende da noção do “outro”, minha identidade só existe e é construída em relação aos outros. Vivemos em constante contato com identidades culturais diversas. O preconceito com as diferentes identidades dos outros tem como consequência a intolerância e conflitos sociais.

Preconceito e intolerância

O preconceito é expresso de diversas maneiras em atitudes de intolerância, discriminação e ódio. Algumas das expressões de preconceito mais comuns no Brasil são o racismo, machismo, homofobia, transfobia e xenofobia. As reações preconceituosas aparecem tanto de maneira disfarçada – por meio de insultos verbais ou gestuais, calúnias, antipatia e ironias – quanto de maneira explícita – através de perseguição, violência e homicídios. Atualmente, vemos discursos de ódio se espalhar nas redes sociais digitais.

O preconceito também está relacionado com o etnocentrismo (a crença na superioridade de uma cultura sobre outras) que, por sua vez, esteve e está na raiz de conflitos de grande magnitude, como os casos de terrorismo, de colonização e de guerra entre países.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota da Alemanha nazista, houve uma maior preocupação entre os países europeus em conter a disseminação de formas de preconceito e intolerância, resultando em diversas legislações nacionais e internacionais que visam proteger e garantir os direitos humanos. No Brasil, a Constituição de 1988 e uma série de leis posteriores buscam valorizar a diversidade cultural, garantir os direitos fundamentais e criminalizar atos de preconceito.

Por Luiz Antonio Guerra

Mestre em Sociologia (UnB, 2014)

Graduado em Ciência Política (UnB, 2010)

Então pode-se dizer que grande parte do preconceito tem origem do desconhecimento, algumas pessoas tem medo do que é desconhecido e por isso adquirem uma postura desfavorável contra aquilo que não conhecem. Assim também acontece com algumas religiões. E uma forma de quebrar o preconceito é conhecer antes de tirar conclusões. CONHECER PARA RESPEITAR.

Uma associação que promove o diálogo inter-religioso de educação que exalta e aborda conhecimento sobre diversas crenças religiosas, prevenindo assim o preconceito é a ASSINTEC - Associação Inter-Religiosa de Educação, é a entidade civil de caráter educativo e cultural que promove o Ensino Religioso, o diálogo inter-religioso e o respeito às diferenças culturais e religiosas. Sua gênese remonta ao movimento ecumênico de Curitiba. Seu surgimento oficial data de 02 de janeiro de 1973, quando efetivou-se um convênio com a Secretaria Estadual de Educação e depois com a secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

A ASSINTEC (Associação Inter-religiosa de Educação) é entidade civil de caráter educacional que atua em parceria com as Secretarias de Educação na implementação da disciplina de Ensino Religioso na Escola Pública e no apoio pedagógico aos professores da disciplina de Ensino Religioso, desde 1973.

Considerando a memória histórica do Ensino Religioso no Brasil e de modo particular no Paraná, como sendo um estado pioneiro onde em 1988 e a partir da ASSINTEC, conseguiu mobilizar a sociedade brasileira para garantir o reconhecimento legal da disciplina do ensino religioso no ensino fundamental);

Considerando também, a partir da última LDB, os esforços de muitos educadores paranaenses, dos membros fundadores da ASSINTEC e de autoridades educacionais e religiosas no sentido de construir um Ensino Religioso que inclua de modo respeitoso a diversidade das tradições religiosas, espirituais e místicas presentes no Brasil

Setembro Amarelo - Valorização da vida é único remédio para combater epidemia de suicídios

Por: [Fellipe Torres](#) - Diário de Pernambuco

Publicado em: 28/09/2015 09:00

A cada 45 segundos, uma pessoa tira a própria vida em algum lugar do mundo. São 780 mil mortes decorrentes de suicídio por ano, sendo 12 mil ocorridas no Brasil, segundo a Organização Mundial de Saúde. A única alternativa terapêutica para frear tal “epidemia silenciosa”, como define o psiquiatra pernambucano Daniel Marques, é a prevenção, objetivo da campanha internacional Setembro Amarelo, cuja adesão no país envolve vários profissionais de saúde e entidades médicas, com a realização de palestras, caminhadas e iluminação de monumentos com a cor amarela. Embora os principais alvos sejam as vítimas de distúrbios psiquiátricos (casos de suicídio correspondem a 15% entre os indivíduos com depressão - cerca de 350 milhões têm a doença - e 10% entre esquizofrênicos), há também outros fatores de risco. Para Daniel Marques, questões relacionadas à adolescência ou idade avançada, à solidão e à ausência de espiritualidade podem ser determinantes.

É conhecida a "onda suicida" ocorrida após a publicação de Os sofrimentos do jovem Werther (1774), de Goethe. A arte pode estimular o suicídio ainda hoje?

Não só a arte, mas outras situações do cotidiano. Ao contrário do século 18, época da publicação deste livro, hoje dispomos de mecanismos de comunicação em massa, com velocidade instantânea. Cabe à sociedade saber usar essas ferramentas em prol da prevenção do suicídio e da saúde em geral. Criar uma “onda pela vida”. É nesse contexto que campanhas de prevenção, como o setembro Amarelo, têm fundamental importância.

Um caso que sempre chama a atenção é o do pintor Van Gogh, que teria se suicidado em 1890. Ele tinha epilepsia e possivelmente transtorno bipolar, fazia abuso de substâncias e tinha poucos vínculos interpessoais, além de diversos casos de doença mental na família. É possível identificar

indícios do estado de saúde mental do pintor nas suas telas, inclusive em seus famosos autorretratos com a orelha direita automutilada.

ATIVIDADE: De acordo com o texto, o pintor Van Gogh teria se suicidado em 1890. Infelizmente naquela época não existiam ferramentas que pudessem ser usadas na prevenção do suicídio, nem campanhas de valorização da vida como o setembro amarelo.

Vamos imaginar que Van Gogh pudesse viver nos dias de hoje, e encantado com o mundo atual teria muita alegria e vontade de viver. Como seria seu autorretrato?

Inspirados na sua pintura, vamos recriar o quadro de Van Gogh, mas desta vez refletindo o estado de espírito que imaginamos para ele: alegria.

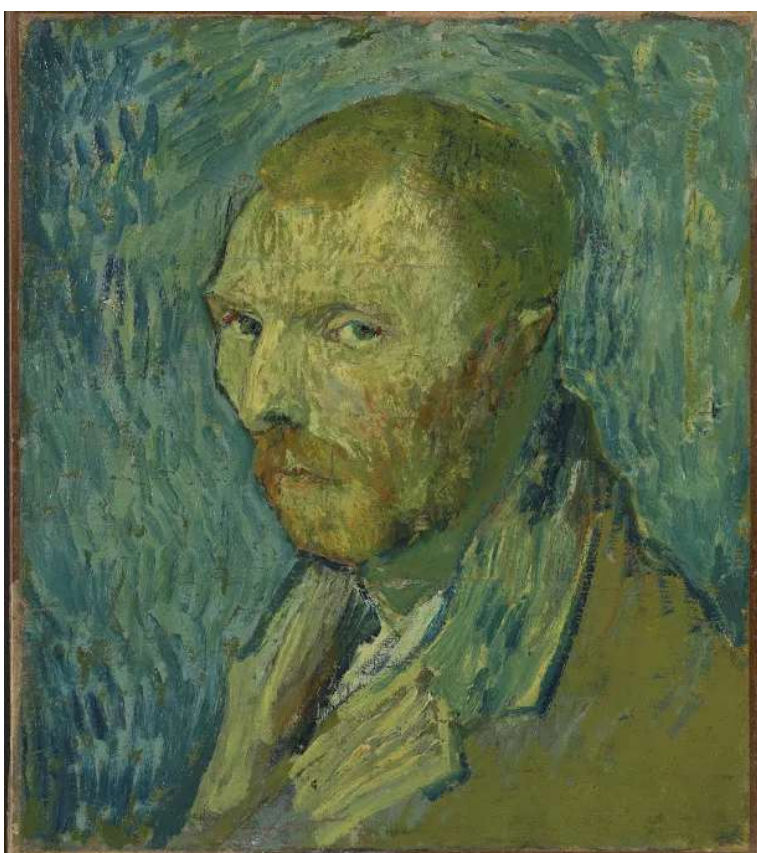


Imagem disponível In: <https://www.elnuevosiglo.com.co/articulos/01-2020-acaban-50-anos-de-dudas-sobre-autorretrato-de-van-gogh>